

**SIMBOLOGIA E SUGESTÃO:
IDEAL DE HOMEM
INTEGRAL EM *PROTOCOLLOS
E RITUAES* (1937)**

*Leandro Pereira Gonçalves**

*Pedro Ivo Dias Tanagino***

RESUMO: Este artigo tem por finalidade buscar novos olhares sobre as criações do imaginário ritualístico dentro da Ação Integralista Brasileira. É observado o processo de cooptação ideológico engendrado pelo dispositivo imagético-protocolar construído pelo movimento, assim como suas implicações no projeto disciplinar doutrinário de conformação daquilo que é aceito pelo próprio movimento como a célula aglutinadora da AIB: o “homem integral”. Tomamos como base a análise estrita do compêndio intitulado *Protocollos e Rituaes*, de 1937.

PALAVRAS-CHAVE: Plínio Salgado, Modernismo, Comunismo, Integralismo, Autoritarismo.

ABSTRACT: This article aims to search a new looking toward the ritualistic imaginary inside the Brazilian Integralist Action (AIB). Focused in the process of ideological cooptation engendered by the imagistic-protocol device built by the movement, as how their implications in the disciplinary doctrinal project for conformation of that what the own movement accepts as the agglutinating cell of the AIB: the “integral man”. We took as basis a strict analysis of the abridgement named *Protocollos e Rituaes*, 1937.

KEY-WORDS: Plinio Salgado, Modernism, Communism, Integralism, Authoritarianism.

* Doutorando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Titular do Curso de História do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

** Graduado em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Bolsista de IC do Curso de História do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

INTRODUÇÃO

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi criada em 7 de outubro 1932, pela ocasião do lançamento do *Manifesto de Outubro* de 1932, por Plínio Salgado, idealizador e chefe do movimento, fortemente influenciado por um período dramático de transição social, cultural e política. Caracterizada por uma ideologia reacionária, autoritária, nacionalista, antiliberal, e anticomunista em última instância, organizada segundo os preceitos de uma sociedade corporativista e cristã. Tida como o primeiro partido de massas do Brasil, a AIB chegou a congregar mais de um milhão de filiados em todo o país.¹ Sob os fundamentos do trinômio Deus, Pátria e Família, o movimento integralista programava uma total reavaliação da sociedade materialista na qual acreditavam ter se tornado o Brasil.

O “homem integral”, conceito de largo trânsito na literatura integralista, apareceu como uma nova base, um elemento aglutinador dessa nova sociedade proposta pelo integralismo: espiritualista, orgânica e cristã, regida por um Estado forte e seu partido único, buscando em símbolos e mitos nacionais a legitimação de sua ideologia. O entendimento desta é fundamental para o entendimento da trajetória do pensamento político brasileiro.

E no que tange o citado dispositivo imagético-protocolar, entendemos a composição de símbolos e imagens organizados no organograma integralista *Protocollos e Rituales* (parte integrante do *Monitor Integralista*, n. 18, abril de 1937), como a chave para o entendimento da sugestão contida no compêndio, assim como as fórmulas protocolares que orientam a ritualística integralista, no que concerne o conceito de homem integral, sugerido por sentidos latentes no próprio texto em análise.

¹ Não há documentações de cunho historiográfico em relação ao número de filiados na AIB, dessa forma, seguiremos a análise pautada na Professora Marilena Chauí, que segue a contabilidade oficial do movimento integralista, divulgada nos periódicos da década de 30. (Chauí, 1985, p. 102).

CONTEXTO DE EMERGÊNCIA DA AIB

O mundo ainda vivia a ressaca de uma guerra mundial, que prometia ser a última de todas e também a esperança de reconstrução de nações e valores. Esperança essa firmada sob o pacto capitalista, em que o progresso é inevitável, o mercado se auto-regula e todos acabarão por desfrutar das benesses de todo esse desenvolvimento. E com o fim de grandes impérios, como o Russo; ceifado pela Revolução Bolchevique de 1917, assim como o Turco Otomano e o Austro-Húngaro; com o fim da guerra em 1918. O mundo ocidental vislumbrava novos dias nos quais democracia e liberalismo (ou comunismo?) davam o tom da marcha inexorável da humanidade rumo ao progresso e à prosperidade. (Hobsbawm, 2002, p. 123). Ledo engano.

A crise dava o aval para os nazi-fascismos europeus agirem sob o consentimento popular, insuflados pelos nacionalismos. A adversidade fomenta a fé nos regimes totalitários. Era o tempo de Mussolini e Hitler no velho continente. Concomitantemente, o continente americano vivenciava a sua resposta à nova conjuntura global, explicada pela sua experiência cultural.

O surto industrial ocorrido no Brasil durante o período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), processo o qual se denomina *substituição de importações*, foi crucial para podermos compreender o desenvolvimento das classes urbanas que passam a exercer papel relevante politicamente já na década de 1920, enquanto força dissonante daquilo que era praticado pelo Estado apossado pela oligarquia cafeeira.

Em 1922, foi anunciada a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, disseminando o medo vermelho pelo mundo capitalista. A intelectualidade cristã católica no Brasil, radicalizada na filosofia de Farias Brito (1862-1917) e na militância fervorosa de Jackson de Figueiredo (1891-1928), engendrou o medo do materialismo marxista e da internacionalização do comunismo. Sendo assim, a fundação do PCB em 1922, demandou uma resposta: a criação do Centro D. Vital em 1922, vem para atender a essa demanda. No mesmo ano, é deflagrada a revolta do forte de Copacabana, estopim do movimento tenentista. (Trindade, 1979, p. 7).

Após a Semana de Arte Moderna de 1922, dois grupos se contrapuseram ideologicamente: os movimentos Pau-Brasil e Antropofágico de Mário e Oswald de Andrade e o verde-amarelismo, de Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado. Estes, representantes da ala de direita que surgiu do movimento modernista. Nacionalistas exaltados, diziam-se filiados ao pensamento de Alberto Torres (1865-1917). Ricardo e del Picchia seriam incorporados, posteriormente, ao grupo de intelectuais colaboradores do governo Vargas.

Salgado no romance, *O Estrangeiro*, de 1926, deixou explícito a necessidade de mudanças na sociedade brasileira ao afirmar: “este livro é, antes de tudo, um desabafo. Nele se notará que se quis dizer alguma coisa. Se não atingiu o objetivo, nem por isso deixa esta crônica de ser oportuna, pelo menos, como depoimento, num instante de tamanha inquietude e necessidade de discussão.” (1936, p. 9)

O populismo² clássico dos anos 30 aos 60, mostrou-se eficiente em sua reprodução no poder, graças à ausência de uma classe hegemônica que pudesse galgar o poder sozinha; a política de “alianças policlassistas” destramente operada por Vargas, conjugava a elite industrial nacional com a classe trabalhadora (Ianni, 1989, p. 114); com a proposta nacional-desenvolvimentista de uma terceira via ao liberalismo e ao comunismo internacionais.

Nesse contexto, foi fundada a Ação Integralista Brasileira, aprovada pela SEP³ tendo os estatutos lançados em 3 de março de 1934 pelo I Congresso Integralista Brasileiro realizado na cidade de Vitória (ES). A AIB não constituía uma agremiação política, sendo sim “uma associação civil”, que tinha como

² Para maiores informações sobre a evolução deste conceito, ver: Gomes, Ângela de castro. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. In: Ferreira, Jorge. (org). *O Populismo e sua História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 17-57. Texto em que a autora expõe a forma como o conceito é usado pelas elites liberais de forma pejorativa, construindo uma interpretação negativa do trabalhismo.

³ Sociedade de Estudos Políticos, também fundada por Plínio Salgado e outros jovens intelectuais, em fevereiro do mesmo ano, em São Paulo, e que tinha por objetivo empreender ampla análise sociológica sobre a realidade brasileira, e assim tentar explicá-la. (Trindade, 1979, p. 73).

algumas de suas finalidades declaradas “funcionar como centro de estudos e cultura sociológica e política. (Art. 2º, *Estatutos da AIB*, 1934)”.

Entretanto, possuía uma milícia armada, chefiada por um dos expoentes do movimento e tido por muitos como o segundo homem em comando na AIB, Gustavo Barroso⁴. Em nota, Salgado afirma “O Integralismo hoje é o maior movimento político-social até aqui organizado no continente Sul-Americano, contando com mais de 1 milhão de brasileiros, inscritos em três mil e muitos Núcleos existentes no País.” (*Protocollos e Rituaes*, p. 4-5).

Visando o poder, é realizado na cidade de Petrópolis em 1935 o II Congresso Integralista Brasileiro que passou a definir o integralismo como: “um partido político, com sede no lugar onde se encontrar o seu Chefe Supremo.” (Art. 1º dos *Estatutos da AIB*, 1935). Configuração que foi intensificada com a publicação dos *Protocollos e Rituaes* em 1937

O I Congresso Integralista Brasileiro lançou as bases de ação do movimento em seus *Estatutos*, assim como de sua organização e doutrina, recusa-se a se apresentar como partido político, mas estabelece como um de seus objetivos “implantar no Brasil o Estado Integral” (Art. 2º, *Estatutos da AIB*, 1934), definindo também seu caráter nacional-corporativista, convocando todos na luta pela defesa de Deus, da Pátria e da família brasileira, tendo como um de seus textos mais caros a encíclica papal *Rerum Novarum*⁵.

Entre 1932 e 1936 configurou-se a natureza “burocrática-totalitária” (Trindade, 1979, p. 162) da AIB. Em 1937, iniciou-se a experiência pré-estatal

⁴ Uma das personalidades mais polêmicas do período, o cearense e monarquista Gustavo Barroso adquiriu um forte poder de influência nas esferas do poder. Foi diretor do Museu Histórico Nacional e presidente da Academia Brasileira de Letras. Possui uma extensa produção literária, na qual se destacam a *História Secreta do Brasil*; a tradução dos *Protocolos dos Sábios de Sião; Brasil: Colônia de Banqueiros*, dentre outros. Foi o responsável pela corrente anti-semita dentro da AIB, propagando seu pensamento baseado em uma “teoria da conspiração”, onde um complotó Judaico-Maçom-Comunista maquinaria nas sombras a dominação do Brasil. (Maio, 1992)

⁵ A encíclica papal *De Rerum Novarum* (Das Coisas Novas) foi lançada pelo Papa Leão XIII no ano de 1891, e tinha por objetivo censurar o avanço do socialismo entre os fiéis católicos do mundo inteiro, buscando uma linguagem conciliatória entre capital e trabalho, defendendo a “humanização” do capitalismo, como forma de se evitar a luta de classes e garantir a manutenção da tradição e do *Status Quo*. (1891)

do movimento, com o registro aprovado no Tribunal Superior de Justiça Eleitoral: “As modificações dos Estatutos, na parte referente ao partido político [...] não contrariam as leis vigentes, conforme demonstrou o Doutor Procurador Geral.” (*Acórdão do TSJE*, 8 set. 1937).

Com as alterações organizativas e burocráticas, os departamentos se transformam em secretarias; a milícia saiu de cena, sendo absorvida pela secretaria de educação. Ocorreu a reformulação de seu texto base dos *Estatutos* por meio da publicação dos *Protocollos e Rituaes*, em abril de 1937, quando não mais intenta “implantar” o Estado Integral no Brasil, mas reformar o existente por via legal, lançando a candidatura de Salgado à presidência da República, abandonando assim sua fase “revolucionária” para assumir a nova fase, “eleitoral”, visto seus resultados positivos nas eleições legislativas e municipais de 1934. (Trindade, 1979, p.163).

Com a divulgação do embuste conspiratório conhecido como plano Cohen, Vargas implantou a ditadura do Estado Novo em 1937, cancelou as eleições previstas para o ano seguinte e cassou os registros de todos os partidos políticos, endurecendo o combate ao comunismo, e ao mesmo tempo, frustrando os planos integralistas de alcançar o poder. Em 1938, ocorreu o levante integralista, que cercou o Palácio da Guanabara na tentativa de matar o ditador, sem sucesso, no entanto. Membros foram presos, Salgado foi exilado para Portugal, Gustavo Barroso foi indiciado, porém o processo foi arquivado, por falta de provas. A AIB fora dissolvida.

Na redemocratização pós Estado Novo, em 1945, Salgado voltaria à cena, agora à frente do PRP (Partido de Representação Popular), concorrendo à presidência da República em 1955, possuindo uma votação inexpressiva⁶. Com o golpe militar de 1964, o PRP é extinto, juntamente com os demais partidos. Salgado foi deputado pela ARENA durante as décadas de 60 e 70, até a aposentadoria política em dezembro de 1974.

⁶ Plínio Salgado nas eleições presidenciais de 1955 obteve 714.379 votos (8.3% do total) (Calil, 2010, p. 166).

PROTOCOLLOS E RITUAES: AUTORITARISMO IDEOLÓGICO E MORALISMO CONSERVADOR

Em resposta ao caos da década de 1920, Plínio Salgado propõe a ordem. A ordem normatizadora, que suprime as vontades individuais em prol de um “bem” maior: a unidade do Brasil, sob um Estado Integral. Para tanto, seria necessária a criação de estratégias de arregimentação de massas. Recursos, então avançados para a época, que além de englobarem a oratória e a retórica, tradicionais dos comícios, um complexo organismo de propaganda e imprensa própria:

A renovação defendida por Plínio importava num enorme realce da noção de mobilização, uma mobilização de alcance ilimitado, já que ela tinha a intenção de incorporar, igualitária e indistintamente, todos os setores da sociedade brasileira. (Araújo, 1988, p. 20).

Ricardo Benzaquen Araújo aplica à AIB o conceito de *totalitarismo*, para desenvolver a análise do integralismo e fundamenta sua opção pelo conceito justamente pelo caráter total da mobilização integralista:

Uma concepção absolutizada da idéia de participação, pois importa na afirmação de um projeto de cidadania e soberania popular através de uma modalidade radical de mobilização, que envolve a tudo e a todos, de forma permanente e ilimitada, na defesa de seus ideais. (1988, p. 20-21).

Um partido de massas (Moura, 2007), que tinha como prioridade a formação de um novo homem, que possa ser útil à nova sociedade e se necessário for, morrer pelo partido. Pois, em uma sociedade integral, só havia um partido, que não é nada mais além do que o instrumento de comunicação direta entre o Chefe Nacional e a massa e esta, tendo sido homogeneizada pela supressão de todas as diferenças de classe, raça ou cor, resguardando a ordem social, “evitando lutas entre Províncias, entre classes, entre raças,

entre grupos de qualquer natureza e principalmente, evitando rebeliões armadas.” (Art. 8º. *Protocollos e Rituaes*, 1937).

Percebe-se que era essencial a adequação do indivíduo ao ideal de “homem integral” e o conjunto de signos adotados pelo movimento e largamente empregado nos cerimoniais tem uma função pedagógica muito eficaz, pois além de conduzir o militante pelos caminhos do nacionalismo integralista, também guardavam outra função, talvez a mais importante: a sugestão.

A nossa linha de pesquisa não reconhece um movimento de massas sem a presença da sugestão simbólica. Em um primeiro plano, seguimos a análise proposta por Alcir Lenharo para explicar a chamada “sacralização da política” (1987), que define indivíduo por um conjunto de símbolos e significações que já lhe são comum na tradição cristã católica e apenas mudam de roupagem, assumindo a faceta da redenção nacionalista pelo sacrifício do próprio indivíduo, enquanto homem integral, só tem sentido na coletividade. E nesse sentido, a política ganha ares de transcendentalidade no discurso de Salgado, apelando ao misticismo e à fé, ou paixão extática de seus participantes.

O discurso do caráter nacional não é ideológico apenas no sentido de permanecer preso à aparência fenomênica, de empreender a apologia da ordem social, ou pelo fato de ocultar a dinâmica real da sociedade. Sua característica essencial é o irracionalismo, pois ele deixa entrever a impossibilidade de conhecer o “homem brasileiro” através da razão. É um discurso que dita, de modo autoritário, a única via pela qual seria possível captar a realidade social do país: a via da emoção ou da intuição. Daí o uso freqüente no léxico integralista do signo “nacional”, termo repleto de conotações afetivas e que tem por objetivo afogar a reflexão. (Vasconcelos, 1979, p. 63-64).

Em *Protocollos e Rituaes*, cada padrão comportamental previsto vem com uma carga de solenidade e responsabilidade muito forte, levando o executante a acreditar que a falha pessoal pode comprometer o sucesso do

movimento e conseqüentemente, a desapontar o Chefe Nacional: um único homem que assumiu para si o pesado fardo de conduzir uma nação de proporções colossais rumo ao progresso e ao “prestígio internacional”. A figura desse Chefe, claramente associável ao “messias Jesus” é o principal símbolo do integralismo, em nossa interpretação, visto que a recorrência no texto supera até mesmo o integralismo em si, criando no imaginário da AIB a figura de Salgado como “um personagem a meio caminho entre o chefe político e o chefe religioso”. (Trindade, 1979, p. 166).

Mesmo que envolto em uma atmosfera de humildade e abnegação sublime e cristã, a mística em torno da figura de Plínio Salgado é vigilante. Em carta de 1934 “aos bacharelandos de Jaboticabal”, intitulada *Elogio da ausência*, o líder integralista deixa explícito que: “o Chefe não é uma pessoa, mas uma idéia”, e como tal, penetrara nas mentes dos indivíduos conquistando uma conexão íntima com a própria individualidade:

Camisas Verdes! Quando quiserdes ver o vosso Chefe, olhae para os vossos companheiros. Quando quiserdes ouvir a voz do Chefe, rufai os vossos tambores e soprai os vossos clarins. Quando quiserdes sentir o espírito do Chefe, marchai porque ele estará no rumor dos vossos passos: os pensamentos andam como pernas. E quando quiserdes alegrar o Chefe, reuni vos em torno da Bandeira azul e branca. E se, nos recessos do sertão de nossa Pátria, perdido na floresta, na solidão e no silêncio, não tiverdes nem companheiro, nem bandeira e, mesmo assim, quiserdes ver o Chefe, procurai no espelho dos rios, das lagoas, dos igarapés e das restingas, a vossa própria imagem: e se, nos seus olhos, rutilar esta fé que nos abrasa, nos destinos grandiosos do Brasil, tereis visto, no brilho dos vossos próprios olhos, a presença do Chefe. O Chefe não é uma pessoa: é uma idéia. (Salgado, 1935, p. 19-20).

“Plínio Salgado passava a ser o elemento de coesão de todo o movimento”. Plínio Salgado é o Chefe Nacional, em caráter perpétuo (Art. 10º. *Protocollos e Rituaes*, 1937), sendo ainda mais enfático no princípio

de sua autoridade, “é vedado aos integralistas interpelar o Chefe Nacional sobre qualquer assunto relativo ao exercício de suas funções, assim como dar opinião sem haver para isso a necessária solicitação” (Art. 11ºc. *Protocollos e Rituales*, 1937). Salgado cria em torno de si um mecanismo burocrático altamente complexo, de forma a possuir palavra final em todos os trâmites institucionais, “detém em seu poder a definição da doutrina, a decisão política e o controle da ação.” (Trindade, 1979, p. 164), comunicando-se com suas bases através de seus discursos, artigos e livros, gerando um verdadeiro culto à personalidade do Chefe, a “síntese da Doutrina”. Essa espécie de mito no qual Plínio Salgado se transformou é exemplificado por Nietzsche:

As imagens do mito devem ser os guardas demoníacos, invisíveis e onipresentes, propícios ao desenvolvimento da alma adolescente e cujos sinais anunciam e explicam ao homem sua vida e suas lutas; e o próprio Estado não conhece leis não escritas mais poderosas que o fundamento mítico que atesta sua ligação com a religião e suas origens no mito. (2007, p. 159-160).

A legitimidade do poder de Salgado dentro da AIB se firmava justamente no fato de ser o próprio, a fonte da doutrina. Mesmo que a imagem não se fizesse presente por recursos iconográficos de qualquer natureza, em última instância, se fazia na pura e simples ideia e/ou expressão da doutrina. Trindade, a partir de entrevistas feitas com ex-membros do movimento, verificou que após quarenta anos ainda são exaltadas as qualidades intelectuais e retóricas do Chefe e não raros os que ainda mantêm a sua obediência e respeito, para com a doutrina, ou mesmo ainda, para com seus antigos superiores.⁷

⁷ Atualmente há uma tentativa de reorganizar o movimento dentro dos preceitos de Plínio Salgado. Após vários movimentos antecessores, em dezembro de 2004, reuniram-se vários grupos que tentavam dar uma unidade ao integralismo no novo século. O Iº Congresso Integralista para o Século XXI tinha como objetivo a tentativa de reorganizar a AIB, mas foi um fracasso, pois sem acordo, houve uma ruptura. De um lado, a FIB (Frente Integralista Brasileira), que

Cada sede, seja municipal ou provincial, seguia critérios uniformes de instalação, principalmente com relação aos dísticos e imagens. Toda sede deveria possuir uma foto do Chefe Nacional, disposta de forma a este “lançar seu olhar” sobre os reunidos; um relógio de parede sobre o qual deveria haver a frase: “a nossa hora chegará” e na sala principal, um cartaz, contendo os seguintes dizeres: “O integralista é o soldado de Deus e da Pátria, Homem Novo do Brasil que vai construir uma grande Nação”. (Art. 86ºdI. *Protocollos e Rituaes*, 1937). E também deveriam dedicar um espaço de sua sede para uma galeria de fotos, em honra aos integralistas-mártires, “mortos na defesa do Sigma.” (Art. 86ºdIX. *Protocollos e Rituaes*, 1937)

A relação de significados em torno do *Sigma* (“) sintetisa o espírito que se quer dar ao movimento. A letra grega corresponde ao nosso “S”, e indica o Somatório das Matemáticas. Leibniz⁸ escolheu-a para indicar a soma dos números infinitamente pequenos, em analogia aos próprios membros da AIB. Seria a letra com a qual os primeiros cristãos da Grécia indicavam a palavra “Deus”, base do trinômio-lema e pressuposto fundamental do imaginário integralista. E ainda, é o nome da Estrela Polar do Hemisfério Sul, em mais um apelo de natividade do movimento. É a “suprema expressão da Nacionalidade.” (Art. 12º. *Protocollos e Rituaes*, 1937)

A camisa verde era entendida como um elemento de supressão de quaisquer diferenças, seja de raça ou de classe, agrupando todos os membros num bloco ordenado, integral, símbolo da sociedade orgânica, homogênea, de forma que um organismo não pode entrar em conflito consigo mesmo,

defende a interpretação fiel da doutrina, seguindo, de forma inquestionável, as diretrizes apontadas por Plínio Salgado. De forma antagonica coloca-se o MIL-B (Movimento Integralista Linearista do Brasil) que sustenta uma interpretação, seguindo uma interpretação filosófica própria do grupo. A Ação Integralista Revolucionária se coloca como a aglutinadora dos grupos dispersos. e defende a via revolucionária para alcançar o poder. Todos os movimentos têm uma atuação principalmente na *internet*. (Carneiro, 2007).

⁸ Leibniz (1646-1716). Tinha por projeto unir Filosofia e Matemática. Vai ao encontro aos pensadores do séc. XVII quando afirma a sua concepção dinâmica dos corpos e rejeita o mecanicismo newtoniano. O universo seria formado por unidades de força – as Mônadas – e estas teriam sido primordialmente reguladas por Deus, que as teria feito e dado corda, tal como a um relógio, porém o destino de cada mônada, ou seja, de cada unidade de força que compõe o universo, foi pré-determinado por Deus, segundo esta teoria. (Bonneau, 2009).

senão, estará fadado à ruína. Sendo assim, a camisa também suprime as individualidades e ainda mais, no sentido da “soma dos infinitamente pequenos”, corporifica a impotência do indivíduo só, sob o Estado Integral e somente na organização das corporações poderá combater o inimigo externo, o cosmopolitismo, o diferente, aquele que não veste a camisa verde.

E como ápice dessa estrutura, apresentava-se os apoteóticos desfiles dos “camisas verdes”, que representavam, por si só, a sociedade coesa e organizada proposta pelo integralismo, reproduzindo em suas paradas cívicas a estrutura hierárquica firmada na autoridade, a qual almejava se tornar o Brasil “Integral”.

As diferenciações previstas nos *Protocollos*, na forma de distintivos e insígnias, (que são de uso obrigatório nas solenidades), têm função clara, mostra a, *grosso modo*, a colaboração que cada um deu ao integralismo, demonstrando quem já adianta seu passo rumo ao caráter integral, servindo de exemplo para os demais. O próprio militante tem a identidade confundida com a “camisa verde”, que se torna sinônimo de “integralista”, dentro e fora do movimento.

É preciso notar a indicação feita nos *Protocollos* para o uso de tecido de fabricação nacional para a confecção da camisa. É obrigatório ao integralista a posse de ao menos uma camisa verde, pronta para ser vestida a qualquer momento. É falta disciplinar grave ao membro que, vestindo a camisa símbolo “sagrado” do movimento, consumir álcool, dançar, jogar, ou mesmo apresentá-la em desalinho. Também é proibido usá-la na semana do carnaval. Se preso, o integralista deve pedir licença para retirar sua camisa, salvo no caso de prisão política, quando deve ostentá-la com orgulho. A camisa verde é um elemento moralizador, assim como aquele que a enverga.

O *Anauê*, palavra de origem Tupi, que era utilizada como saudação e grito de guerra, é outro elemento congregador dessa massa de camisas-verdes. Sua tradução gira em torno de algo como “você é meu parente”, ou “você é meu amigo” e seu emprego é claramente normatizado, sendo exclamado em voz natural, se a saudação for individual, e, “com voz forte, clara e decidida, quando for coletiva” (Art. 54º. *Protocollos e Rituaes*, 1937), evocando, mais uma vez, a supremacia da coletividade frente à individualidade. Sozinho, o homem não representa nada, mas quando na coletividade, ele se

torna um todo poderoso é o partido, e sua força emana do Chefe, a “ideia integral” por excelência.

A subordinação cívica é total e intransigente, com as devidas saudações competentes aos hinos, nacional e integralista, assim como às suas respectivas bandeiras, a qualquer momento, sempre que chamado à responsabilidade. A própria feitura de hinos correspondentes a sub-unidades integralistas é fiscalizada com rigor e censura, devendo até mesmo ser apresentada a biografia do compositor para apreciação do chefe nacional, e nunca, em hipótese alguma, deve expressar qualquer forma de regionalismo, sempre deve assumir caráter nacional. Inclusive, a segunda parte do Hino Nacional brasileiro é abolida, por conta do trecho que diz “deitado eternamente em berço esplêndido”, pelo fato de os integralistas não aceitarem que o Brasil permaneça “deitado”, sendo o integralismo um movimento de “despertar da Nação”.

Os batizados também constituíam eventos no qual os militantes reiteravam sua convicção no integralismo e na fé cristã, em que a solenidade seguia uma fórmula de apresentação do mais novo integralista, acolhido pelo movimento e pela comunidade cristã, também saudado com um *Anauê*. Até mesmo depois de morto, o integralista permanece na coletividade, ou antes, como prevê o Art. 158, “no integralismo ninguém morre!” e em reunião fúnebre fazem a chamada do morto e todos respondem “Presente”. O sacrifício não é em vão no integralismo, e depois de morto, o camisa verde é transferido para a “Milícia do Além”, onde reporta a Jesus o andamento do movimento que se pretende seu instrumento na terra do Brasil. Também durante os casamentos, a disciplina e indumentária integralistas deveriam seguir os protocolos da AIB. Os rituais de exclusão eram especialmente humilhantes.

Fosse por insubordinação, indisciplina, ou mesmo falta de decoro, somente o Chefe Nacional poderia outorgar tal decisão e no caso de pedido de afastamento por parte do militante, então tal ritual se tornava ainda mais degradante para o membro excluído, sendo considerado e afirmado “morto” pelo movimento, tendo seu registro queimado na frente de seus antigos companheiros ao exclamarem: “seja esquecido!” e sofrendo as sanções do ostracismo destinado aos traidores.

A ideologia do Sigma se imiscuía em todos os âmbitos da vida de um membro, estivesse ele em função do partido ou não. Não há distinção entre militância e vida privada, ao menos, os dispositivos protocolares assinalam para essa tendência do movimento. E é nesse sentido que percebemos a envergadura da mudança social almejada por Salgado.

O ÚLTIMO OCIDENTE: TELEOLOGIA DO MOVIMENTO INTEGRALISTA

O modelo de harmonia social é imanente à sua própria concepção histórica de evolução da humanidade, acreditando ser a civilização monoteísta criada pelos hebreus o apogeu desse processo, por preconizar um *Universo Total*, integral entre o Deus criador em comunhão com suas criaturas. (Araújo, 1988, p.34). A plenitude dessa civilização, segundo a concepção de Salgado, teria sido durante a Idade Média, quando o espiritualismo impedia a corrupção das almas pelo materialismo racionalista, época na qual as classes conviviam em “plena harmonia” entre si, cada qual cumprindo o papel que lhe fora destinado pela ordenação integral do Universo. (Salgado, 1995).

Dentro de sua concepção dialética de alternância entre os estágios da humanidade (civilizações politeístas, monoteístas e ateístas), Salgado agrega ao integralismo uma finalidade teleológica de consolidar um novo estágio de civilização no Brasil, baseado na família patriarcal, nas corporações profissionais e na autoridade do Estado. (Salgado, 1995).

Conforme a filosofia da história defendida pela doutrina integralista, a nova civilização brasileira proposta pelo movimento não é conservadora, na acepção do termo, mas sim reacionária, no sentido de retroagir tal processo de modernização, ao menos no campo superestrutural, e julgamos plausível a hipótese de um projeto regressivo do modo de produção capitalista para o país. (Chasin, 1999).

Por outro lado, buscamos por meio desse ensaio pensar o homem integral como um reflexo do pensamento autoritário, culturalmente presente no imaginário brasileiro, e mais, que este pensamento autoritário não pode ser

creditado somente a uma elite parasitária que há séculos explora o povo pela opressão e violência, mas também, o próprio povo participa desse processo, recebendo e criando valores, reconstruindo imaginários e discursos, sendo o homem integral de Plínio Salgado um construtor de valores morais já profundamente enraizados na cultura brasileira.

Considerado por grande parte da historiografia como o primeiro partido de massa do Brasil e tendo arregimentado mais de um milhão de adeptos em menos de cinco anos de atividades, podemos concluir que a proposta apresentada pela AIB, na época, foi ao encontro dos anseios de parcela considerável da população. Não menosprezado o contexto de emergência do movimento e suas influências externas, reiteramos a responsabilidade do vulto que atingiu, em última instância, à sociedade brasileira da época e consideramos a sua “fascistização” um retrocesso no debate historiográfico, no que tange a abonação da responsabilidade de suas bases militantes e simpáticas, em prol de uma interpretação elitista do problema, em que mais uma vez se atribui a uma elite intelectual a capacidade de manobra de uma massa gregária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos entender o homem integral, pelo que depreendemos dos *Protocollos e Rituales*, como um retorno ao ideal autoritário do patriarcado rural, herança a qual remonta ao período colonial. (Holanda, 2007), a uma hierarquia social verticalizada, em que o homem integral é base dessa hierarquia, que culmina no Deus criador do Universo e da história, um todo fundido, absoluto. Isso implica na concepção de um conceito próprio de ordem e progresso histórico, em que a posição e a autoridade de quem desempenha funções de liderança é incontestável, visto a teleologia do próprio movimento, que consiste na consolidação desse processo histórico de “aperfeiçoamento da civilização”, via liderança autoritária, no caso do integralismo, “investida” por Deus em seu Chefe Nacional.

A doutrina integralista acaba por formar no homem integral um micro-organismo de reprodução dessa autoridade, um outro veículo de comunicação e propaganda, talvez o mais eficaz utilizado pelo movimento, pois neste estava constituída a capacidade de operar a integralização do resto da sociedade, fosse pela expressão ideológica da doutrina, fosse pela imposição de sua autoridade em suas esferas de influência. O homem integral era a garantia da perpetuação dos valores morais autoritários no processo histórico rumo ao Estado Integral.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, R. B. *Totalitarismo e Revolução: o integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- BONNEAU, C. Heidegger e Leibniz: a abertura do conceito de Mônada. *Cadernos Espinosanos: estudos sobre o século XXI*, São Paulo, n. 21, 2009, p. 130-139.
- CALIL, G. G. *Integralismo e hegemonia burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Maringá: Edunioeste, 2010.
- CARNEIRO, M. *Do Sigma ao Sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*. Tese de Doutorado (História), Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2007.
- CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado: formas de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. 2 ed. Belo Horizonte: Una, 1999.
- CHAUÍ, M. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: _____; FRANCO, M. S. C. *Ideologia e mobilização popular*. São Paulo: Paz e Terra, 1985. p. 17-149.
- GOMES, A. C. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. In: FERREIRA, J. (org). *O Populismo e sua História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 17-57.

- HOBBSAWM, E. J. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- IANNI, O. *A Formação do Estado Populista na América Latina*. São Paulo: Ática, 1989.
- LENHARO, A. *A sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1987.
- MAIO, M. C. *Nem Rotschild nem Trosky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- MOURA, C. A. S. Integralistas e Católicos: as relações discursivas entre intelectuais católicos pernambucanos e a Ação Integralista Brasileira (1930-1937). In: SILVA, G. B. (org). *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: Edufrpe, 2007, p. 65-80.
- NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. São Paulo: Escala, 2007.
- SALGADO, P. *A Quarta Humanidade*. 5 ed. São Paulo: GRD, 1995.
- _____. *Cartas aos camisas verdes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
- _____. *Manifesto de Outubro de 1932*. São Paulo: Voz do Oeste, 1982.
- _____. *O estrangeiro*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.
- TRINDADE, H. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1979.
- VASCONCELLOS, G. *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

FONTES

Acordão do Tribunal Superior de Justiça Eleitoral: sessão de 8 de setembro de 1937. In: SALGADO, Plínio. *O integralismo brasileiro perante a nação*. 2 ed. Rio de Janeiro: Clássica brasileira, 1950, p. 49-50.

Carta Encíclica Rerum Novarum. (1891). Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html. Acesso em 15 maio. 2010.

Estatutos da Ação Integralista Brasileira: aprovado em 1934 pelo I Congresso Integralista Brasileiro na cidade de Vitória – ES. In: SALGADO, Plínio. *O integralismo brasileiro perante a nação*. 2 ed. Rio de Janeiro: Clássica brasileira, 1950, p. 43-44.

Estatutos da Ação Integralista Brasileira: aprovado em 1935 pelo II Congresso Integralista Brasileiro na cidade de Petrópolis – RJ. In: SALGADO, Plínio. *O integralismo brasileiro perante a nação*. 2 ed. Rio de Janeiro: Clássica brasileira, 1950, p. 47-48.

Protocollos e Rituales: regulamento. Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937.